

## Parte III - Do pós-psicanalítico à pós-história da psicanálise

Ana Paula Jesus de Melo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MELO, APJ. Do pós-psicanalítico à pós-história da psicanálise. In JACÓ-VILELA, AM., CEREZZO, AC., and RODRIGUES, HBC., orgs. *Clio-psyché: fazeres e dizeres psi na história do Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 85-87. ISBN: 978-85-7982-061-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## PARTE III

### DO PÓS-PSICANALÍTICO À PÓS-HISTÓRIA DA PSICANÁLISE

Dentre os inúmeros dispositivos reorganizativos da dinâmica da paz no pós-Segunda Guerra proliferam as pesquisas quanto aos sistemas simbólicos, a funcionalidade dos papéis sociais para os agenciamentos coletivos, os processos identificatórios e identitários do homem na comunidade, família e trabalho. Acompanhando este viés inquisitorial, o espectro intervencionista da psicologia também se ampliou, incorporando o social à sua prática clínica, e os limites entre corpo e mente se foram esfumando e ganhando novos sentidos na profusão discursiva que eclodia em psicossomática, análise sistêmica, inconsciente grupal, análise transacional, cognitivismo, liberação de couraças... Por outro lado, aperfeiçoando o gerenciamento individualizante da drogadicção heterogerida, a ordem médica recebe da indústria farmacêutica os psicofármacos, munição de grosso calibre a serviço da psiquiatria, tanto a hospitalar (psicose) quanto a de consultório (neurose).

Enquanto movimentava a pélvis ao som de ritmos cardíacos e *Sex Pistols*, o homem ocidental se encontrava às portas da percepção —que se abriam com mantras, *canabis*, elixir paregórico, xaropes com codeína... e se fechavam com benzodiazepínicos. Qual um monumento surrealista, era Lucy, aquela que estava no Sky com Diamonds, o graduado porteiro das visões do paraíso e do inferno. A novíssima tradição científica parecia ter banido, para fora do presente, os êxtases de Santa Teresa.

Renova-se a religião —a Teologia é Libertação—, e novas igrejas se fundam; a psiquiatria e a psicologia se tornam comunitárias e, até, antipsiquiátricas; nas escolas, a luta de classes parece unir mais do que separar professores, alunos e movimentos sindicais operários. O Ocidente continua se debruçando sobre o Oriente em busca de sabedorias que o

protejam de si. Paz e amor, lema dos jovens tantristas comunais do Ocidente, sucumbe, porém, à crise da adolescência, à guerra fria e às quentes, ao pó branco que libera da culpa o indiviso *sahib* da pós-modernidade e ao antidistônico que seca os suores dos *mal transados*. Entre os espasmos dos anos 60, a Psicanálise faz o seu *boom*, desafiando, inclusive, o domínio asilar da psiquiatria tradicionalista —e a Psicologia bem-comportada dos consultórios privados a acompanha.

Os *hippies* se vão; maio se aquieta; *Hair* é apenas um filme —muito bom, por sinal— e a juventude transviada dos anos 50 ascende a Wall Street, higienizada, psicopatologizada, antropologizada, subtraída aos movimentos da plebe pela abstração dos índices da bolsa, ou segue carreira política em democracias formais.

As engrenagens do capital, separando, esquadrinhando, classificando, liberando e reprimindo, fazem emergir, como um de seus efeitos, uma paranoicização da vida que os discursos oficiais tentam pacificar, conduzindo a produção de verdades para longe de uma analítica institucional: doença do pânico, crime organizado, defeitos genéticos, violência *funkeira*, centro e periferia... Lapidado o cotidiano —qual um cristal— por naturalizações de ordem divina, biológica, sociológica, psicológica... a luz que reflete recria incontáveis sombras e, como em inúmeros outros momentos da história ocidental, o medo do hoje embala os pesadelos do amanhã.

Assim, impotente e assustado, sozinho e conflitado com sua contemporaneidade, o indivíduo procura um lugar em paisagens outras, em antigos rituais ou em futurísticas promessas da ciência. Não raro produzindo estranhas brechas entre os fractais de nossa espaço-temporalidade. Brechas que têm desarticulado, em muito, o vastíssimo campo da Psicologia —em especial, as práticas clínicas apoiadas no modelo dual não medicamentoso, herança do antigo poder pastoral, ativamente atualizado pela Psicanálise e afins. E nada há de mais pós-psicanalítico do que a supressão farmacológica da ansiedade —dispositivo médico inalienável, no qual se apoiam inúmeras experiências recentes de

desospitalização, pelo menos, no Brasil— ou a reinvenção do homem pela engenharia genética. Quiçá, o método preconizado pela Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil (SPOB) para realizar o diagnóstico diferencial entre neurose, psicose e possessão: exorcismo —em perfeita consonância com as (irônicas?) palavras de Lacan à imprensa italiana, em 1974. Pois, conforme vaticinou o sábio francês: “A religião triunfará. A psicanálise sobreviverá, ou não”. E com ela sobreviverá, ou não, boa parte do que consideramos hoje Psicologia.

*Ana Paula Jesus de Melo*